

REDUÇÃO DE SAN FRANCISCO DE BORJA: UMA ANÁLISE EM TORNO DA SUA REALIDADE REFRACTÁRIA

Rodrigo Ferreira Maurer*

Resumo: A realização de uma nova redução jesuítica-guarani entre os séculos XVII e XVIII, no espaço missioneiro não se resumia ao simples fato de garantir uma posse territorial para a coroa espanhola, por trás desta singela explicação existiram outros objetivos a serem alcançados. Nessas condições apresentaremos um caso que expõe tal conjuntura, no entanto as consequências desta alocação acabaram refletindo ações reversas no que tange a sua aplicação enquanto redução que deveria compor à uma estrutura macro, reconhecida como projeto reducional. Este é o caso que envolveu o processo de fundação da antiga redução de San Francisco de Borja e o curso da sua história no que tange a sua composição no espaço missioneiro e por conseguinte na banda oriental do rio Uruguai entre os séculos XVII e XVIII.

Palavras chave: indígenas, intenções, projeto.

Introdução

As divergências socio-políticas entre os povos reduzidos foi algo muito constante no espaço missioneiro, no entanto, muitas destas situações acabavam se fazendo velar pelos representantes da Companhia de Jesus por interesses de várias origens.

Ciente desta problemática chamamos a atenção para o caso que envolveu a antiga redução de San Francisco de Borja, uma vez que, foi reproduzida para a mesma uma identidade problemática (no sentido cultural), projetando assim, duas "certidões": a certidão histórica e a certidão de descrição.

A certidão histórica para esse caso, é concebida como algo que foi projetado a partir do ato de sua fundação, ou seja, a sua procedência enquanto povo reduzido a partir de 1690 e posteriormente os reflexos do seu desligamento perante a antiga redução de Santo Tomé. Já a certidão de descrição será um emprego utilizado que versará caracterizar e estabelecer algumas descrições da época que objetivavam repassar à mesma algumas responsabilidades e atribuições que eram constantes no período disposto, como por exemplo os constantes saques de gados entre reduções/estâncias. Entretanto tais descrições como a que foi mencionada acabavam velando várias outras situações, de origem social e administrativa do próprio projeto reducional como um todo. Contudo para o caso de San Borja, essa aplicação foi muito mais intensa pois envolveu o processo da sua composição cultural, ou seja, a formação de um

* Mestrando em História Regional pelo PPGH da Universidade de Passo Fundo. Professor titular do curso de História da Universidade da Região da Campanha.

ferreiramaurer@bol.com.br

espaço reducional de alocação para duas realidades culturais aparentemente distintas: a do índio guarani (reduzido) e a do índio infiel, situação que com o passar dos anos lhe sobrecarregaria a identificação como sendo uma redução refratária.

Realidade infiel e mundo convertido: duas veredas do espaço indígena

"Las almas que vinieron conmigo son treinta y dos, de ellas están ya diez bautizados." Com estas palavras Pe. Francisco Garcia, cura de Santo Tomé e futuro fundador da redução de San Borja, encerrava a sua carta de 10 de dezembro de 1683, que tinha como destino o Padre Tomás de Baeza, provincial do Paraguai. Tal lembrança fazia parte de uma incursão feita por ele (Garcia), com duração de vinte e cinco dias em terras guenoas.

Estas descrições por sua vez, acabaram circulando na Europa cinco anos depois (1688), através do título: *"Las Misiones Jesuíticas en 1687. El estado al presente gozan las Misiones de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, Tucumán Y Río de la Plata"*. No entanto este título fazia parte de uma obra composta por três volumes que na sua conclusão passou a ser reconhecida como *"Insignes Misioneros de la Compañía de Jesus"*. Os dois primeiros volumes já haviam sido editados na cidade de Pamplona (Itália) primeiramente no ano de 1687 pelo então Pe. Francisco Jarque, e hoje é possível ter acesso ao conteúdo exposto deste material através de um estudo preliminar feito pelo pesquisador Ernesto Maeder.

Este estudo por sua vez, contribui decisivamente para o campo historiográfico que estuda a História da Companhia de Jesus na América Meridional e a sua relação estabelecida com os possíveis grupos indígenas, pois confirma o que muitas produções já haviam alertado, isto é: que a (re) configuração do espaço missioneiro na banda oriental do rio Uruguai não havia ocorrido em 1682 como muitos autoditadas chegaram a mencionar, mas sim posterior à esta data¹.

Para evitar maiores dúvidas se faz necessário a seguinte ressalva: o projeto missioneiro não se resumiu na composição dos Sete Povos das Missões. Estes acabaram fazendo parte de uma composição muito maior que chegou a ter 30 povos na Província Jesuítica do Paraguai².

¹ Entre estes autoditadas o maior destaque ficou por conta de Aurélio Porto. O mesmo no intuito de responder o vazio administrativo por parte da coroa espanhola no espaço oriental do rio Uruguai, flexionou a data de 1682 e conseqüente a fundação de San Borja, como o início da "resposta" espanhola à fundação da Colônia do Sacramento. Caso que foi rebatido por alguns pesquisadores, dentre os quais, Pablo Pastells, Guillermo Furlong e de Carlos Teschauer, situação que passamos a explorar em alguns dos nossos trabalhos.

² Para compreender esta composição ver: KERN, Arno. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

No entanto esses povos não foram fundados de maneira uniforme, pois como se sabe os ataques bandeirantes na terceira década do século XVII acabaram forçando a migração dos povos orientais do rio Uruguay para a banda ocidental do mesmo³. Entre esses povos afetados estavam dois povos orientais já reduzidos: San Nicolás e San Miguel⁴.

Passado cinco décadas⁵, a Companhia de Jesus foi convocada novamente para (re) configurar o antigo espaço reduzido na banda oriental do rio Uruguai. Esta (re) configuração acabou acontecendo em 1687, com o retorno das duas reduções mencionadas mais o acréscimo (fundação) da antiga redução de San Luís Gonzaga.

Esta (re) composição é o que a historiografia costumou chamar de 2ª fase das missões orientais do Rio Uruguai. Entretanto a complexidade dos fatos exige uma melhor abordagem, pois em muitos casos fica sub-entendido que a vida indígena neste espaço havia simplesmente deixado de existir logo após os processos bandeirantes, entendimento totalmente equivocado, haja vista que, muitos indígenas, na sua maioria índios "infieis" continuaram a atuar no espaço oriental como descreve a seguinte passagem:

De estos bárbaros, algunos frecuentan, cuando no lo impiden las crecientes de los ríos, las reducciones del Yapeyú, La Cruz y Santo Tomé, para comprar algunos frutos. Otros roban ganados y aún gente que los guarda, en las heredades pertenecientes a dichas reducciones. Y así por muchos motivos solicitan los padres misioneros su conversión, haciendo repetidas correrías en los meses del año en que sus tierras son capaces de caminarse⁶.

Tal descrição serve para comprovar que a vida indígena continuou na banda oriental do rio Uruguai nos anos subsequentes da primeira fase e esta por sua vez não foi interrompida em 1687, através do (re) estabelecimento reducional⁷.

Porém uma questão chama a atenção: levando-se em consideração o ano do (re) estabelecimento reducional a partir de 1687 e a citação retirada da obra de Francisco Jarque; que motivos teriam estes índios infieis em continuar agindo no espaço ocidental do rio

³ Sobre esse processo da migração forçada dos povos orientais do rio Uruguai na terceira década do século XVII, ver: BARCELOS, Artur. Os jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII. In: *Revista Complutense de História de América*, 26: 93-116, 2000.

⁴ O povo de San Nicolás foi fundado inicialmente no de 1626, já o povo de San Miguel foi estabelecido primeiramente em 1632 na margem direita do rio Ybicuí, em um local que ficou reconhecido como Rincão de San Pedro. Para um melhor entendimento desses povos e da fase disposta, ver: FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Teorema, 1962.

⁵ Aqui nesse caso, estamos nos referindo aos 51 anos sem a presença reducional no espaço que hoje compreende a antiga região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1636-1687).

⁶ JARQUE; ALTAMIRANO, 2008, p. 122

⁷ Para um melhor entendimento nesse sentido se faz necessário observar: BRACO, Diego. Los errores charrúa y guenoa-minuán. In: *Jahrbuch für geschichte lateinamerikas*, n. 41, pp. 117-136, 2004.

Uruguai⁸, sendo que os mesmos poderiam se utilizar de uma alternativa mais próxima, como no caso as reduções orientais (re) estabelecidas? A resposta para esta pergunta depende de três questões básicas que caracterizam a personalidade destes povos da região do pampa desta época.

A primeira é que os mesmos, optavam em transitar em espaços, regiões que pudessem garantir o sustento coletivo do grupo, e para este caso, continuavam a ficar próximos dos referidos povos, pois ali a garantia de sustento se estabelecia a partir dos gados das referidas reduções. Uma outra constatação interessante desta relação índio infiel e povos ocidentais, foi justamente a permanência dos laços de parentesco entre alguns representantes do espaço em conversão e o índio infiel. Estudos recentes dão conta de apresentar que o espaço de conversão não eliminou o processo de relação cultural entre ambos, pelo contrário, muitas vezes o apoio que a redução recebia destes grupos nômades, provinha necessariamente desta relação étnica/parental⁹.

Porém nenhuma das duas questões abordadas até aqui, foram mais importantes para a continuidade dos povos infieis na banda oriental do rio Uruguai do que a necessidade em garantir a supremacia territorial e cultural diante de outras parcialidades indígenas também consideradas como infieis. Este caso também foi lembrado por Garcia, quando expôs as desavenças que existiam em torno do espaço descrito entre os guenoas e os yarós¹⁰.

Neste sentido a união desses três fatores foi o que determinou a continuidade e permanência destas parcialidades entre o espaço pampeano e as reduções ocidentais do rio Uruguai, situações que só se alterariam a partir de 1690, quando estas parcialidades já não encontrariam mais as mesmas possibilidades de agir e interagir no espaço sobreposto. Atribui-se a isto a nova conjuntura missioneira que se estabeleceu a partir da fundação do antigo povo reducional oriental de San Francisco de Borja.

Ações feitas, lembranças antigas: os percalços da alocação de San Borja

⁸ Os povos ocidentais mencionados são os de Yapeyu, La Cruz e Santo Tomé.

⁹ Para este caso ver os trabalhos: LEVINTON, Norberto. Guaraníes y Charrúas: una frontera exclusivista-inclusivista. In: *Revista de História Regional*. 14(1): 49-75, 2009. Ou ainda: WILDE, Guillermo. Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, n. 43, pp. 119-146, 2006.

¹⁰ JARQUE, idem, p. 126. As divergências que existiram entre as parcialidades indígenas no espaço natural é algo que vem sendo aprofundado nos estudos da pesquisadora María Clarissa Nofri, para esse caso ver: Barbarie y demonización en los orígenes de un imaginario para la conversión de los indígenas de la pampa oriental (1663-1690). In: *XIII Jornadas Interescuelas*, Bariloche, 2009.

Em muitos estudos a redução de San Borja ficou registrada como uma redução "apartada". Esta constatação por sua vez, foi reproduzida a partir de certas análises que tiveram surgimento através dos olhares de alguns viajantes do século XIX. Os estudos de origem histórica, por sua vez, acabaram reproduzindo a condição do seu isolamento geográfico com o intuito de caracterizar o seu desmerecimento nos anos da Guerra Guaranítica. É sábio que o antigo povo borjista, foi o povo mais austral da banda oriental do rio Uruguai, e assim sendo, foi fixado a uma distância de aproximadamente 20 léguas do povo de San Nicolás, para a oportunidade a redução mais próxima¹¹. No entanto, a condição do seu afastamento deve ser entendida como uma ação de consequências iniciais e não como fatos resultantes dos anos de auto-governo, pois as exigências para a sua realização se estabeleceram de forma diferenciada, e assim sendo, não podemos equipara-la diante dos demais processos de fundação que foram empregados para as demais reduções orientais¹².

Contudo uma outra questão acabou sendo decisiva para a alocação da redução borjista. Pesquisas recentes apresentam que as reduções não foram compostas exclusivamente por guaranis, mas antes, também, por algumas parcialidades de índios infieis, situação que passou a ser reconhecida como a diversidade cultural das reduções¹³.

Este também foi o caso que envolveu a antiga redução de San Borja, pois a garantia da sua fundação, se posicionou como uma ação de controle/amparo aos guenoas, situação que equipara a mesma, dentro das proporções culturais à antiga redução de Yapeyu, que teve de acomodar yarós e outras parcialidades com o objetivo de garantir a sua própria continuidade¹⁴.

¹¹ Este afastamento da antiga redução de San Francisco de Borja das demais reduções orientais do rio Uruguai, foi uma questão muito lembrada pelos viajantes do século XIX, casos de Hemetério Veloso da Silverira, Avé Lallemand, Sain't Hilaire, Arsene Isabelle e A. Baguet.

¹² Hoje podemos interpretar o processo de fundação da antiga redução de San Borja como uma ação que previu de forma inteligente, estabelecer inicialmente um centro interlocutor entre as duas margens do rio Uruguai, pois assim se garantia uma comunicação rápida entre as mesmas, além do mais, era uma condição que garantia a continuidade e manutenção da cultural étnica dos povos ocidentais. Este caso, abordamos em: "Redução de San Francisco de Borja: a parcialidade guarani na banda oriental do rio Uruguai". In: *Revista Armazém da Cultura*. São Borja, 2008.

¹³ Atualmente existem muitas produções nesse sentido, dentre as quais vale ressaltar: SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In: *História Unisinos*, 11 (2):240-251, Maio/Agosto 2007.

¹⁴ Existem muitas coincidências entre San Borja e Yapeyu, e estas em um certo sentido estão atreladas ao processo da composição cultural que se estabeleceu nestas reduções a partir das suas fundações. Ambas se caracterizaram por terem sido as reduções mais austrais dos espaços geográficos aos quais estavam estabelecidas. No caso de San Borja como já abordamos foi a redução mais austral da banda oriental do rio Uruguai e Yapeyu foi a mais austral da banda ocidental do mesmo e de todo o projeto reducional, e estas condições com certeza foram muito utilizadas no sentido geopolítico pela Companhia de Jesus. Isto foi observado a partir de uma documentação na qual em 1769 Francisco de Zavalla se referia à Yapeyú: "*Es la puerta de esta Provincia [...]*". A.G.N.A. Sala IX: 18-5-1. No caso de San Borja ainda não encontramos

Porém no caso de San Borja esta composição cultural acabou abarcando consequências muito graves, pois com o passar dos anos a mesma passou a ser reconhecida constantemente como uma redução que acomodava índios indolentes e saqueadores, como registrou em carta o jesuíta Sigismundo Asperger¹⁵ no ano de 1769.

Pues el año de 27, estando yo Cura en el Pueblo de S. Lorenzo, mis felífreses me han avisado de que los Borjistas, se habían metido en la Estancia Grande tras un arroyo en un rincón, sacando de un Rodeo Grande el ganado y pillando ô hurtando vacas., etc. Yo como ya sabidor de las cosas de los Borjistas, paa no cer de ellos enredado, me fue alla âla Estancia hasta 80 leguas lejos el Pueblo y todo â ver con mis ojos. allí los halle, aranchados como infieles [...] (grifo do religioso)¹⁶.

Através de uma análise mais aprofundada em outras documentações deste fato, já se sabe que a descrição de Asperger teve uma finalidade: chamar a atenção do então Governador Francisco Bucarelli y Ursua para os assuntos em torno de um território que ainda mantinha uma certa concentração de cabeças de gados e que se encontrava em um processo de impasse entre San Borja e San Nicolás. No entanto o desfecho deste caso apresenta outras informações que o referido religioso não mencionou na sua carta e que foram posteriormente lembrados por Francisco Bruno de Zavalla da seguinte forma:

Señor los de este pueblo de Sⁿ Borja se quexaron q los de Sⁿ Nicolás entraban â su Estancia adonde tienen uno Ganado alsado e q mande no executassen acerca de esto vieron algunos de aquel cabildo de Sⁿ Nicolás con esse papel que le dio a su Administrador el P^o Sigismundo Asperger, el no quise se leyesse y procure que se ajustassen como lo hisieron por escrito¹⁷.

Este caso, assim como outros tantos que foram empregados a antiga redução borjista se caracteriza por consequência de uma série de atribuições que lhe foram empregadas assim nos anos que envolveram a chamada Guerra Guaranítica¹⁸, quando a mesma resolveu não

nenhuma passagem com esta entonação, no entanto é corriqueiro encontrar passagens que mencionem este povo como uma redução parecida à Yapeyu no sentido político, administrativo e cultural. Isto em contrapartida da sustentação para igualaros em alguns casos, fatos a redução borjista a antiga redução yapeyuana. Para o caso da redução Yapeyu e sua relação com San Borja ver: LEVINTON, Norberto. Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso cotidiano, acuerdo interétnico y derecho natural (Misiones jesuíticas del Paraguay). In: *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 31 33-51, 2005.

¹⁵ Sigismundo Asperger foi o único jesuíta que permaneceu nas Missões depois da expulsão da Companhia de Jesus na América Meridional em 1768. A sua permanência se registrou por causa da sua idade já avançada na época dos fatos. O mesmo dedicou grande parte da sua vida ao estudo de plantas e ervas medicinais. Sobre esta questão vale a pena conferir o artigo da pesquisadora Eliane Cristina Deckman Fleck: A morte no centro da vida – reflexos sobre a cura e a não cura nas reduções jesuíticas-guaranis (1609-1675). In: *Anais eletrônicos do V encontro da ANPLAC* – Belo Horizonte, 2000.

¹⁶ Carta de 10/10/1769. A.G.N.A., Sala IX: 18-05-01

¹⁷ Carta escrita por Francisco Bruno de Zavalla para o Governador Francisco Bucarelli y Ursua no dia 26/11/1769. A.G.N.A., Sala IX: 18-05-01.

¹⁸ A Guerra Guaranítica foi uma sublevação realizada por alguns indígenas que não se conformaram com o processo de transmigração que o Tratado de Madri (1750) previa. No entanto, através de documentos da época, foi possível chegar a conclusão que o motivo para essa inconformidade não foi especificamente a proposta do Tratado descrito, mas sim, a maneira como as informações acabaram chegando às reduções da banda oriental do rio Uruguai. Informações que acabaram assumindo vários interesses,

apoiar a milícia indígena comandada por Sepé Tiarajú para retornar ao seu espaço de origem, ou seja, o espaço natural de estância. Muitos indígenas desta redução optaram em aceitar o processo de transmigração, no entanto uma problemática se apresenta nas documentações: os mesmos se utilizaram do momento conturbado para retornar a região das estâncias de gado; e isto dependendo das circunstâncias e interesses dos fatos, ficou passível de várias interpretações, dentre as quais a condição de saque, que na prática nada mais era do que uma ação que os índios anteriormente infieis se utilizavam para sobreviver¹⁹. No entanto esta constatação não pode ser analisada de forma isolada pois no caso mencionado fica claro que a tentativa de Asperger estava motivada com o intuito de desconsiderar as ações borjistas a fim de garantir o terreno e os gados para a antiga redução nicolaísta, situação que na sua origem já havia sido um problema diplomático entre as mesmas reduções. No intuito de estabelecer tal impasse a favor dos nicolaístas, o religioso acabou revelando um dos motivos que lhe motivou a escrever a referida carta. Ele ainda não havia se conformado com a doação de 6.300 cabeças de gado que o então Governador Don Pedro de Ceballos, havia feito para o povo de San Borja. Para o jesuíta esse caso jamais poderia ter acontecido, dando a clara interpretação que tais cabeças de gado deveriam ser destinadas para qualquer outra redução menos para os borjistas, aos quais ele havia pego furtando no ano de 1727²⁰.

Asperger para esse caso acabou adotando uma velha técnica da época missioneira: descrever a pretensa personalidade da redução borjista-guena para chamar a atenção dos seus avaliadores. Técnica esta, que foi muito utilizada nos anos envoltos do projeto reducional com o intuito de desgastar as relações entre San Borja e as demais reduções orientais do rio Uruguai.

A redução de San Francisco Borja e a Guerra Guaranítica: novos episódios para um desfecho histórico de informação

circunstância que acabamos referindo como a época do fisiologismo missionário. Para esse caso ver: Um caso mal resolvido: os sete povos das missões e o julgamento de 1759. In: *Revista Estudos Históricos* – CDHRP, nº 2, Agosto 2009. Para um entendimento mais técnico sobre a Guerra Guaranítica ver: Tau Golin (2004), Mercedes Avellaneda; Lía Quarlerí (2007), Lía Quarleri (2009) e Eduardo Neumann (2010).

¹⁹ Esta constatação é algo que vem se apresentando de forma vertiginosa nas documentações que estamos analisando atualmente, e isto nos faz crer que a estância antes de ser um espaço de concentração de gado foi o centro intermediador entre a realidade infiel e o mundo convertido, pois em épocas de crise estes indígenas reduzidos acabavam retornando para o espaço de origem natural ou seja as estâncias, situação que também auxilia para compreendermos os motivos que levaram estes indígenas a continuarem mantendo as suas relações sociais e de parentesco com os povos infieis.

²⁰ Continuação da carta de 10/10/1769. A.G.N.A., Sala IX, 18-05-01.

As influências da composição cultural de San Borja acabaram refletindo interpretações disformes por parte das demais reduções da banda oriental do rio Uruguai, e esta condição acabou estabelecendo um processo de desgaste entre a redução mencionada e os demais. Podemos denotar esta condição mais especificamente a partir dos anos subsequentes da Guerra Guaranítica, para ser mais direto a partir da batalha de Caiboaté. Sobre esta batalha Carlos Teschauer (2002, p. 483) afirma: Os pueblos que participaram desta desgraça, foram Santo Ângelo, São João, São Miguel, São Lourenço, São Luis, São Nicolau, Conceição (“La Concepcion”!!), Mártires e Santa Maria, a Maior.

Dos povos orientais do rio Uruguai o único a não participar da batalha foi justamente San Borja. Esta questão foi observada em vários trabalhos, nesta linha Rabuske (1985, p.129) fez o seguinte comentário: Certo que possamos dizer que felizmente os “borjistas” não marcaram presença nem participação em Caibaté no dia 10 de fevereiro de 1756. Chegaram, porém ao lugar depois do combate.

Para tanto, a adversidade estabelecida já vinha ocorrendo desde a assinatura do Tratado de Madri em 1750, ano que deu início a sequência de situações e fatos que foram criados e atribuídos ao povo borjista, com a finalidade de demonstrar a sua condição diferenciada no espaço sobreposto²¹. Os empenhos de exposição da referida redução foram intensificados no ano de 1753, e podem ser considerados a partir da seguinte passagem:

Em junho de 1753, o comissário espanhol Andonaegui e Altamirano enviavam às Missões avisos importantes. O objetivo desses avisos era pressionar a mudança que deveriam ser feita até 15 de agosto do corrente ano, caso contrário seria declarada guerra aos Sete Povos. As cartas eram dirigidas a todos os jesuítas e seis curas dos seis povos, porque já haviam conseguido a obediência da Missão de São Borja²².

No entanto, o fato de não auxiliar na batalha de Caiboaté não descaracteriza uma questão de opção, pois San Borja comprovou através desta atitude o seu inconformismo com a situação que lhe foi produzida por vários anos e assim aceita pelos demais povos missionários, adversidade que não partiu do povo borjista, mas sim, de informações

²¹ Os fatos atribuídos à redução de San Borja podem ser facilmente compreendidos na obra de Carlos Teschauer. Nesta, constam os esforços políticos que foram feitos principalmente por Bernardo Nusdorffer, na época o padre Provincial do Paraguai e encarregado de cumprir o sistema de “transmigração” dos Sete Povos das Missões. Salientamos também os estudos que foram feitos por Artur Rabuske, principalmente aqueles que se dedicaram a explicar os porquês de San Borja não ter respondido às cartas do governador de Buenos Aires, Francisco Andonaegui, no ano de 1753, sobre esse caso ver: RABUSKE, Artur. Cartas de índios cristãos do Paraguai, máxime dos Sete Povos, datadas de 1753. In: *Estudios Leopoldenses*. Ano XIII, vol. 14, n.47, 1978. Bem como, a pesquisa de: ESCANDÓN, Juan: História da Transmigração dos Sete Povos Orientais, Tradução do espanhol por Arnaldo Bruxel S.J. In: *Pesquisas, História*, n. 23. São Leopoldo, 1983.

²² GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul (1750-1761)*. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 268

destorcidas que muitas vezes eram empregadas com a finalidade de desgastar as relações entre o referido povo e os demais, haja vista que:

Esse período foi marcado por uma intensa troca de correspondência entre jesuítas, autoridades peninsulares e os Guaranis. A elite letrada das missões, através dos índios principais, externaram seu ponto de vista por escrito, procurando anular ou impedir a execução desse tratado²³.

Torna-se evidente que tais ações epistolares foram incentivadas para confirmar o Tratado de Madri, contudo a grande maioria dos fatos começou a ser acirrada a partir do ano de 1752, quando as trocas dos religiosos passaram a ser constantes no espaço disposto, isto fez com que os indígenas se precavessem de algumas incertezas. Com a assinatura do Tratado de Madri, estabeleceu-se o processo de transmigração, que na prática significava o abandono das reduções pelos índios reduzidos e jesuítas, e o estabelecimento dos mesmos em outras terras longínquas a região que disponibilizavam.

A conjuntura dos fatos e o resultado final da Guerra Guaranítica acabou fomentando uma imagem idealizadora em torno dos povos envolvidos, afinal de contas, a mística missioneira e o projeto reducional encontravam-se próximos da decadência no período sobreposto; entretanto, esta pretensa homogeneidade não fez parte do cotidiano das referidas reduções, e isto por sua vez explica na prática a essência do projeto reducional na banda oriental do rio Uruguai. Contudo, a assimilação desta conjuntura só é possível se pensarmos esta composição como um resultado de interesses, ou seja, uma complexa formação que se estabeleceu conforme as necessidades individuais de cada redução. Uma condição totalmente adversa do que é corriqueiramente empregado para caracterizar a famosa Guerra Guaranítica.

O certo é que alguns indígenas tentaram realmente se unificar como grupo, mas esta tentativa aconteceu somente depois dos resultados finais da Batalha de Caiboaté, e isto só ocorreu também, por uma questão de sobrevivência, pois na falta de uma infra-estrutura como o espaço reducional, não lhes restou nada mais do que voltarem aos seus costumes da vida infiel, ou seja, transitar e voltar aos antigos espaços de sobrevivência: as estâncias de gado. Esta situação no entanto, passou a ser combatida pelos administradores espanhóis, pois os mesmos não aceitavam a livre transição destes indígenas nos espaços envoltos das referidas estâncias, pois ali, ainda se encontrava uma das riquezas mais significantes do período. Neste sentido, a época de desestruturação missioneira, deu lugar para o inconformismo dos referidos

²³ NEUMANN, Eduardo S. “Mientras volaban correos por los pueblos”: autogoverno e práticas letradas nas missões Guaraní – século XVIII. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, 2004, p. 93.

administradores, e este por sua vez, se fortalecia de forma rápida, haja vista que, se fazia necessário fazer cumprir nas ações o que a Guerra não havia conseguido: o processo de transmigração que o Tratado de Madri determinara, situação que ficou registrada por Dⁿ. Lucas Infante da seguinte forma:

No se pierda tiempo en despachar la tropa que pareciese suficiente para recoger los indios dispersos, y que va ya el P. Phelipe Ferder para socorrerlos en sus necesidades espirituales, entretanto que unidos todos los que se puedan incorporar y con el aviso de V.M se despache del camino y mientras hacer todos su transmigración. A Dⁿ. Francisco Pieza puede principal obgeto és recoger a los indios dispersos, y que por esta rason no puede distraerse como seria preciso para ponerse se intento à perseguir los infieles que conluída la transmigración y el encargo que llevo de escotoar à Echevarria mientras hace el reconocimiento de que fue encargado en cuyo casso y buelto por acá despedirá aquella tropa, entonces se pensara de proposito en la forma de uno golpe decisivo a los infieles a quienes no obstante se devera ofender (o grifo é nosso).²⁴

A proposta de Dⁿ. Lucas, repassa um anseio da época, ou seja, solucionar de forma definitiva o que a Guerra Guaranítica não havia dado conta, ou seja, evitar toda e qualquer possibilidade de resistência que fosse motivada pelos indígenas, só que desta vez a mobilização indígena não partiu pelo caminho miliciano, mas trabalhou com a hipótese de ludibriar os seus adversários, pois vários são os registros que apresentam os casos de fuga dos indígenas para as estâncias dos povos. Pela pesquisa atual podemos constatar que os mesmos se dividiram em três grupos inicialmente, com o intuito de dificultar os serviços de busca dos administradores ibero-americanos, no entanto o espaço de ação se estabelecia basicamente em quatro locais: no Posto de Santa María que fazia parte da estância de Yapeyu, na estância de Santo Tomé, na estância de San Ángel Custódio e na estância de La Concepción.

Entre as lideranças indígenas que persistiram na tentativa de unificação destes índios vagantes no ano de 1758 estava o índio borjista chamado Thimoteo; o mesmo passou a ser procurado por alguns representantes da época com a intenção de se descobrir o grau da sua influência, situação que acabou levando o próprio Dⁿ. Lucas Infante a realizar uma série de mini inquéritos, com a finalidade de esclarecer tal dúvida.

Logicamente a composição e as realidades dispostas no ano de 1758 não tiveram o mesmo teor que em 1756, contudo, se mantiveram opostas a condição estabelecida, e por estes motivos vale a observação, pois demonstra sobretudo o inconformismo daqueles que de fato foram os maiores prejudicados no processo desencadeado pelo Tratado de Madri.

²⁴ Carta de 11/01/1758 da redução de San Borja e que foi endereçada para Dⁿ. Pedro de Ceballos. A.G.N.A. Sala IX: 06.10.03

Para San Borja o ano de 1758 não traria maiores consequências que as que já haviam sido estabelecidas nos anos de auto-governo, ou seja quando a redução passou a ser descrita como uma redução de tendências refratárias. Neste sentido se faz necessário observar a seguinte passagem:

Parece que el P^o. Soto, dice que no tiene noticia se allan indios dispersos en la estancia de Sⁿ. Mig^l. Y los Borgistas que se prevenia estan en ella, ha avido noticia se hallan con alguno ganado en marcha para Sⁿ. Christobal huyendo de los infieles q^e. llevaban de Batovi aci el Rio Negro.²⁵

Várias foram as observações feitas para caracterizar e chamar a atenção para as ações da redução de San Borja no ano de 1758, e estas nas suas proporções tem recebido uma atenção mais fixa no nosso trabalho atualmente, haja vista que, foram para a época um fato de que envolveu as atenções de vários personagens da época, entre os quais, Joseph de Molina, que chegou a estabelecer a seguinte ordem:

Pueblo de Sⁿ. Borja oct^o. 19 de 1758
El sargento de la Guardia del Uruguay hara que las Balsas que sirven para el transito del mismo Rio en el paso donde esta situado queden de noche en la costa oriental de él, inmediscitar a la referida Guardia con los indios que las gobiernan y tendrá especial cuidado de que de esta parte no se transfiera a la otra, ninguna persona que no presentare licencia firmada de mi mano como le está prevenido en las ordenes que se devem obserbar en aquel puesto. De dia se podrá mantener una q ohas balsas en la otra banda por si vinieren otros indios para relebrar a los que en ellos estan empleados conforme lo dispusiere el Pe. Cura del Pueblo de Sto. Thomé, a quién avisará el referido sargento de esta disposición pero devera igualmente celar que con este motivo no pasen a esta banda ninguna de las mujeres de los indios ni aun de estos no presentando papel de otro Pe. Cura, pues de lo contrario será responsable.²⁶

O fato mencionado só vem a comprovar a condição que mencionamos anteriormente, ou seja, foi o antigo espaço reducional de San Borja, uma garantia de comunicação rápida; contudo esclarece definitivamente uma situação ainda muito pouco observada pela historiografia especializada do assunto, ou seja, de que alguns povos não correspondiam aos interesses da composição espacial ao qual estavam dispostos, mas antes, procuravam solucionar as necessidades e os problemas momentâneos. Pois para o caso de San Borja, a sua relação social, política, administrativa não condizia à realidade da banda oriental do rio Uruguai, mas antes a composição da banda ocidental do mesmo, e assim sendo acabava sobressaindo-se a partir do seu estreitamento étnico. Condição que ultrapassa o sentido próprio e exclusivo da alocação propriamente configurada, e esta passa a ser facilmente

²⁵ Carta de 12/02/1758 de Joseph de Molina para Pedro de Ceballos. A.G.N.A. Sala IX: 06.10.03
²⁶ Registro Interno para a redução de San Borja. A.G.N.A. Sala IX: 06.10.03

percebida a partir do momento em que nos deparamos com casos como o que envolveu a antiga redução borjista frente o julgamento de Diego de Sallas no ano de 1759²⁷.

Considerações finais

Logo quando decidimos estudar a participação da antiga redução de San Borja, três perguntas tiveram de ser feitas inicialmente: Como a redução se comportou diante de um espaço inter-étnico como a que envolveu o seu entorno? Como reagiu perante à situações inusitadas que acabaram se formando neste espaço descrito? E como pôde administrar à estas situações em uma região à qual não representa a sua formação social de origem? A necessidade de respostas plausíveis acabou tornando essa pesquisa uma proporção considerável.

Historicamente San Borja foi alocada em um espaço que condizia à região dos Sete Povos das Missões²⁸, que denominamos na nossa pesquisa atualmente como a “macro-região oriental”. Para tanto, na prática, as suas ações políticas e sociais acompanhavam as tendências da banda ocidental do rio Uruguai, espaço que dava sequência às reduções de Santo Tomé, La Cruz e Yapeyú. Neste sentido, o processo de fundação de San Borja veio a confirmar a continuidade que já existia em épocas anteriores do projeto reducional e isto fez com que a sua alocação assumisse um papel de continuidade desta cultura no espaço oriental, contribuindo decisivamente na parte cultural do povo em discussão.

Abreviatura

A.G.N.A. - Archivo General de la Nación Argentina

Referências

AVELLANEDA, Mercedes e QUARLERI, Lía. Las milicias guaraníes em el Paraguay y Río de la Plata: alcances y limitaciones (1649-1756). In: *Estudios Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXIII, n. 1, p. 109-132, junho 2007.

²⁷ O estudo em torno do Julgamento de Diego de Sallas é algo que discutimos em várias oportunidades, dentre as quais podemos mencionar: Uma contrariedade que garantiu a continuação: redução de San Francisco de Borja X milicianos guaranis no espaço oriental do rio Uruguai entre os anos de 1750 a 1759. In: *Jornadas de Estudios Indígenas y Coloniales* – Jujuy, 2009.

²⁸ Os Sete Povos Missioneiros foram resultados da segunda investida da Coroa Espanhola na banda oriental do rio Uruguai entre os séculos XVII e XVIII. Na oportunidade foram constituídos; San Nicolas (1687), San Miguel (1687), San Luiz-Gonzaga (1687), San Borja (1690), San Lourenço (1691), San Juan-Bautista (1698) e San Ángel Custódio (1706). Hoje as referencias destes povos estão compreendidos nas regiões noroeste e na fronteira-oeste do estado do Rio Grande do Sul.

AVÉ- LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)*. São Paulo: EDUSP, 1980.

BAGUET, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BAPTISTA, Jean T. A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas. In: Arno Kern; Maria Cristina dos Santos; Tau Golin. (Org.). *Povos Indígenas: coleção História Geral do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Passo Fundo: Meritos, v. 5, p. 207-228, 2009.

BRACO, Diego Los errores charrúa y guenoa-minuán. In: *Jahrbuch für geschichte lateinamerikas*, n. 41, pp. 117-136, 2004.

FLECK, Eliane Cristina Deckman: “A morte no centro da vida – reflexos sobre a cura e a não cura nas reduções jesuíticas-guaranis (1609-1675)”. In: *Anais eletrônicos do V encontro da ANPLAC* – Belo Horizonte, 2000.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Teorema, 1962.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul (1750-1761)*. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

ISABELLE, Arsene. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JARQUE, Francisco y ALTAMIRANO, Diego Francisco. *Las misiones Jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesús en la provincia del Paraguay, Tucumán y Rio de La Plata*. 1ª ed. - Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia. Estudio Preliminar de Ernesto J. A. Maeder, 2008.

KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

LEVINTON, Norberto. Guaraníes y Charrúas: una frontera exclusivista-inclusivista. De Norberto Levinton. In: *Revista de História Regional*. 14(1): 49-75, 2009.

_____. Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso cotidiano, acuerdo interétnico y derecho natural (Misiones jesuíticas del Paraguay). In: *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 31 33-51, 2005.

MAURER, Rodrigo. Redução de San Francisco de Borja: a parcialidade guarani na banda oriental do rio Uruguai. In: *Revista Armazém da Cultura*. São Borja, 2008.

MAURER, Rodrigo; COLVERO, Ronaldo. Um caso mal resolvido: os sete povos das missões e o julgamento de 1759. In: *Revista Estudos Históricos – CDHRP*. n. 2, Agosto 2009.

MAURER, Rodrigo; COLVERO, Ronaldo. Uma contrariedade que garantiu a continuação: redução de San Francisco de Borja X milicianos guaranis no espaço oriental do rio Uruguai entre os anos de 1750 a 1759. In: *Jornadas de Estudios Indígenas y Coloniales* – Jujuy, 2009.

NEUMANN, Eduardo S. Episódios de rebelião na fronteira: a Guerra Guaranítica (1752-1756). In: *O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil*. NEUMANN, Eduardo S.; GRIJÓ, Luiz Alberto. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. "Mientras volaban correos por los pueblos": autogobierno e prácticas letradas nas missões Guarani – século XVIII. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 93-119, jul./dez. 2004.

NOFRI, María Clarissa. Barbarie y demonización en los orígenes de un imaginario para la conversión de los indígenas de la pampa oriental (1663-1690). In: *XIII Jornadas Interescuelas*, Bariloche, 2009.

PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Tomos I a VIII. Madri, Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1954.

QUARLERI, Lía. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata: guaraníes, jesuitas e imperios coloniales*. - 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

SAINT-HILAIRE, August. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Martins Livreiro, 1997.

SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In: *História Unisinos*. 11(2), Maio/Agosto 2007.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso. *As Missões Orientaes e seus antigos domínios*. Porto Alegre, Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Unisinos, 2002.

WILDE, Guillermo. Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay. Do pesquisador Guillermo Wilde. In: *Jahrbuch für geschichte lateinamerikas*, n. 43, pp. 119-146, 2006,

_____. *Religión y poder en las misiones de guaraníes*. 1ª ed. - Buenos Aires: SB, 2009.